REVISTA PLURAIS PPG IELT
e-ISSN 2238-3751

# OS PRESSUPOSTOS DE DELEUZE NA TRAMA DA ARTE DE CONCEITUAR

# DELEUZE'S ASSUMPTIONS IN THE PLOT OF THE ART OF CONCEPTUALIZING

**Sérgio Naghettini**
Doutorando em Educação pela Universidade de Uberaba (2020), Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (2018), Pós-graduação lato-sensu em Geografia Para Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela UFU (2011),Especialização em Inspeção Escolar pela Faculdade Católica de Uberlândia (2009), Especialização em Supervisão Escolar pela Faculdade Católica de Uberlândia (2008), Especialização em Tecnologia Digital Aplicada à Educação pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Minas (2007), Especialização em Psicopedagogia pela UFU (1999), Especialização em Filosofia pela UFU (1996), Especialização em Sociologia pela UFU (1994), graduação em Bacharel Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2003), graduação em Licenciatura Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2002), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação "Antônio Augusto Reis Neves" (1994), graduação em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), graduação em Licenciatura Educação Artística - Artes Plásticas - pela Universidade Federal de Uberlândia (1988).
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3261-6291
E-mail: sergionaghettini@yahoo.com.br

**Valeska Guimarães Rezende da Cunha**
Doutora em Educação e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia; Especialista em Educação a Distância pela Universidade Católica de Brasília; em Metodologia do Ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira pela Faculdade São Luís e em Educação pela Faculdade Claretianas. Graduada em Tecnologia em Processamento de Dados e Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. É professora na Universidade de Uberaba onde atua como: membro permanente do Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Educação; professora nos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado em Educação da Uniube; membro do Comitê de Ética em Pesquisa, da Comissão de Relações Internacionais; da Comissão Avaliadora ad hoc da Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão para acompanhamento dos projetos de pesquisa e extensão em desenvolvimento; membro do Conselho Universitário.
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9266-9876
E-mail: valeskaguimaraes@uniube.br

## Resumo

A obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari intitulada "O que é a filosofia", propõe-se neste artigo de tal forma fazer uma reflexão, uma descrição minuciosa e própria na procura de desvendar os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar. A partir desses filósofos é possível ter uma atitude diante do pensamento filosófico problematizar sobre o campo filosófico que nos permeia. Este artigo tem uma abordagem de estudos de natureza bibliográfica, auxiliada pela obra em destaque, bem como, de outros autores que se propuseram a fomentar a discussão em torno de tal questão. A Filosofia é um movimento intelectual do pensamento humano, estabelecendo reflexões e arte de conceituar nos pressupostos de Deleuze, e de sabedoria segundo os clássicos filósofos gregos. Entretanto, as inquietações de enveredar no campo filosófico são complexas, mas refletir faz parte do campo filosófico.

**Palavras-chave:** filosofia; arte de conceituar; campo filosófico.

**Abstract**

The work by Gilles Deleuze and Félix Guattari, entitled "What is philosophy", is proposed in this article in such a way as to make a reflection, a detailed and proper description in an attempt to know Deleuze's assumptions in the art of conceptualizing. Based on these philosophers, it is possible to have an attitude towards philosophical thought and to problematize the philosophical field that permeates us.This article has an approach to studies of a bibliographic nature, aided by the highlighted work, as well as by other authors who proposed to foster discussion around this issue. Philosophy is an intellectual movement of human thought, establishing reflections and the art of conceptualizing the assumptions of Deleuze, and wisdom according to the classic Greek philosophers. However, the concerns of embarking on the philosophical field are complex, but reflecting is part of the philosophical field.

**Keywords:** philosophy; art of conceptualizing; philosophical field.

## INTRODUÇÃO

Algumas questões permeiam todas as ciências entre os pensadores, e na filosofia não seria diferente das outras ciências. A Filosofia é um movimento intelectual do pensamento humano, sempre estabelecendo as perguntas ditas primordiais: “O que é?”, “Como é?”, “Por que é?” “Para que é?”. Perguntas essas que permeiam todo campo da filosofia até os dias atuais.

Entretanto, no decorrer do tempo, essas perguntas foram sendo desgastadas, desiludidas pelos pensadores e a filosofia advém sendo colocada em xeque diante de outras ciências, entrando num processo de desencanto ou talvez até mesmo vulgarização pelos próprios estudos nas academias ou em outros campos de pesquisas, sendo questionável por alguns pensadores filosóficos modernos, e por último pelos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O artigo propõe levantar algumas considerações sobre os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar. A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica a partir de algumas obras como: O que é a filosofia (2010) e textos de alguns comentaristas correlacionados ao livro. A investigação é de caráter estritamente teórico, utilizando referenciais bibliográficos para o levantamento das informações necessárias a fim de atender aos objetivos do estudo, que é caracterizado como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.

Na obra “O que é a filosofia?" (2010), numa questão eloquência, Gilles Deleuze e Félix Guattari trazem uma proposição filosófica da construção conceitual, na arte de criar conceitos.

O pensamento desenvolvido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) propôs uma nova perspectiva na filosofia, como sendo chamada “arte de criar conceitos”, opondo assim a filosofia clássica que pensa e reflete a partir dos pressupostos e postulados. Neste entendimento, Deleuze se propôs a desvendar a filosofia na perspectiva conceitual por meio de suas várias obras com pensamentos marcantes na história da filosofia.

Mobiliza-se a pensar: quais são pressupostos que fundam este conceito por Deleuze e Guattari na arte de criar conceitos? Neste artigo será abordada a crítica deleuziana à filosofia clássica, e a concepção da filosofia de Deleuze bem como o que é um conceito para este filósofo e por fim os pressupostos da filosofia e arte.

Nesta perspectiva, a filosofia deleuziana busca o entendimento, a movimentação e a constante criação de novos conceitos, sempre questionando e problematizando o que advém do senso comum, da opinião, da tradição e da religião.

## CONCEPÇÃO DO CONCEITO NA FILOSOFIA DE DELEUZE

O filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) numa amizade com o psicanalista Félix Guattari, desde 1969, em Paris, escreveu a obra conjunta ”O que é a Filosofia?” no ano de 1991, publicada quatro anos antes de sua morte. Segundo Deleuze, essa obra foi escrita tardiamente.

A morte de Gilles Deleuze, em 1995, na história da filosofia contemporânea, inicia-se com sua primeira publicação do seu livro intitulado “Hume, sua vida e sua obra”, em 1952; e a havia praticamente concluído com a última publicação de “O que é a Filosofia?”, escrito em 1991.

Na obra “O que é a Filosofia” de Deleuze e Guattari (2010), escrita em dois capítulos distribuídos em pouco mais de duzentos e cinquenta páginas, trazem uma discussão autêntica e heterogênea se estabelece uma preocupação em propor um outro sentido para a filosofia e, consequentemente, na arte de conceituar.

Partindo da noção da filosofia clássica de Platão, Aristóteles e outros filósofos clássicos que pensam e refletem a partir dos pressupostos e postulados filosóficos,

Deleuze numa oposição escreve a obra "O que é a filosofia?" (2010) propõe a noção de filosofia como criação de conceitos.

Deleuze na introdução desta obra traz à tona a questão que sempre teve vontade de fazer filosofia, apesar de ser tardiamente numa bibliografia pequena, mesmo na velhice traz para ele uma soberana liberdade na combinação de pensamento, e o fez por exercício de estilo e com propriedade. Ao se retratar-se tardiamente na velhice, confirmando assim o que foi escrito no começo desta obra por Deleuze:

> Talvez só possamos colocar a questão O que é a Filosofia? tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer Filosofia, não nos perguntávamos o que ela era salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as Eras [...](DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7).

Para ele a resposta a esta indagação, é de que a filosofia é arte de criar conceitos, e que esses conceitos necessitam de personagens conceituais para assim contribuir para sua definição. Para retratação dos personagens conceituais, o trabalho filosófico parte inicialmente de alguns amparos pelo do historiador da filosofia, apesar de ser curto, são iluminadas as análises da instituição da filosofia nas obras de Platão, Descartes, Kant, e outros clássicos.

Os personagens conceituais iluminados correspondem ao amparo às alegorias das obras dos clássicos dos filósofos que se propõe na elucidação dos conceitos, iluminem o ato do pensamento filosófico.

A filosofia é um ato de pensamento, de amizade e amor pela sabedoria segundo os clássicos filósofos gregos, e o filósofo é o amigo da sabedoria, diante disso decretando a sua própria morte, pois o filósofo é o amigo da sabedoria e este não tem sua posse. A sabedoria é produto transmitido, não se obtém concretamente. Nesta questão, Deleuze

declara que o amigo que aparece na filosofia grega é uma personagem extrínseca, mas para Deleuze, o filósofo é aquele que produz e para isso ele precisa do personagem conceitual como presença intrínseca ao pensamento.

Nesta análise, percebe-se que Deleuze coloca sua concepção de filosofia distinta daquela proposta pelos filósofos gregos, no qual a filosofia como sendo "a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos". (DELLEUZE; GUATARRI, 2010, p. 8). Neste aspecto, os filósofos franceses apresentam uma nova perspectiva de filosofia em sua obra "O que é a filosofia?".

De acordo com essa perspectiva desses filósofos franceses, a filosofia é colocada como uma arte, a arte de criar conceitos, como uma atividade criadora, criadora de conceitos, como descrevem:

> O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é mais uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente forma, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

O caráter de seu discurso radicalmente imanente de Deleuze, a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos, então é necessário compreender que,

> Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou, antes, criados e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Segundo os autores, a função da filosofia é criar conceitos novos, e a competência do filósofo se manifesta por uma criação de conceitos, e por ser bom em conceitos e conceituação, é ele que sabe quais conceitos são propositáveis, viáveis e consistentes. Os conceitos irão discernir sobre tema em questão a ser tratado pelo filosofo.

Essa peculiar maneira de filosofar no trabalho de Gilles Deleuze a favor da imanência, isto é, a qualidade do que pertence à essência de algo, à sua interioridade, indiferente ou sem dar lugar nem entrada à temática da transcendência, é demonstrada na sua obra filosófica.

Entretanto, “as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11), sendo a artes e a ciências também criadoras de conceitos. Mas se as ciências, as artes e as filosofias são criadoras de conceitos, o que se distinguem entre elas? Distinguem a partir que a ciência opera por funções e proposições nos sistemas discursivos; a arte por sensações e a filosofia é acontecimento enquanto devir.

Diante disso, a filosofia vai além dos conceitos dos filósofos ao longo do tempo na tradição para somente reproduzi-las, mas com essa ressonância de tradição, propõe a criá-los conceitos do pensamento. A filosofia como atividade criadora opõe-se a contemplação, a reflexão e a comunicação, e Deleuze explica por que:

> Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: [...]. E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, [12] para criar o “consenso” e não o conceito. (DELEUZE; GUATTARI , 2010, p. 12)

Segundo os autores, a contemplação, a reflexão e a comunicação não criam conceitos, mas sim são “máquinas de construir Universais em todas as disciplinas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13) e os universais, como princípio filosófico, sempre necessitam de explicações, essas explicações advém do pensamento do filósofo.

Diante disso, o filósofo tem atividade de criar conceitos que se valem a partir de suas palavras que advém dos pensamentos, podendo usar palavras comuns, usuais e fluentes.

O conceito apreciado por Deleuze e Guatarri não se inscreve nas determinações conceituais filosóficas, e não é uma tarefa fácil conectá-lo numa única definição. Por assim dizer, consideramos o que nos aponta Deleuze; Guattari,

> O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos (...). Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-

> los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. (2010, p. 13).

Neste contexto da filosofia deleuzeana e guattariana que os conceitos não constituem como forma, não é algo que se possa caracterizar ou pressupostos radicalmente ou tomar com determinismos como sendo isso e aquilo conceitualmente. Também não serve produtos de experienciações de categorias de análises ou outros meios redundantes para se conceituar. O conceito de algo advém do próprio arte filósofo de conceituá-lo.

Deleuze reafirma "O conceito é ato de criação" (1980, p. 4), não é fonte única, tem amplitude sem limites pra onde caminha (re)laborações. Os conceitos não aceitam pontos comuns e conclusivos e sim na composição.

É nessa condição de criar conceitos que o filósofo se vê na necessidade do uso das palavras, bem como o de sua escolha. E esse proceder violento do gosto filosófico solicitado pela assinatura do conceito que ele se depara com a filosofia menor que é constituída da filosofia maior ou como afirma Deleuze, o violento gosto filosófico "constitui na língua uma língua da filosofia, não só um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza" (2010, p. 14).

Deleuze e Guattari reafirmaram ao dizer: "Se há um lugar e tempo para a criação dos conceitos, essa operação de criação sempre se chamará Filosofia, ou não se distinguirá da Filosofia, mesmo se lhe for dado um outro nome" (2010, p. 15). Diante disso, reafirmam que a Filosofia se dará na criação de conceitos necessários para sua estabilização.

Diante disso, conceito não é dado como forma, ou algo que se possa tomar como forma ou algo engessado com verdade ou falso, e nem aparece ou desaparece quando se faz necessário ou quando melhor lhe convier; o conceito é criado a partir de um problema, reafirma filósofo francês, "mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas [...]". (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 27). Diante disso, os conceitos criados a partir destes problemas, são planos constitutivos da filosofia deleuziana e guattariana.

Por assim dizer, os conceitos são criações necessárias que podem inventar e reinventar a todo o momento na vida, sempre que o ato de criação solicitar, e o filósofo é

o artesão desse pensamento, em articular as reflexões flutuantes do pensamento, articula como empregar o conceito diante do problema.

Nesta ideia, Vasconcelos (2005, p. 1219) corrobora com essa ideia:

> Não há possibilidade de fazer filosofia, deleuzianamente falando, sem investirem um duplo campo: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos que daí advém, como também, para pintar o retrato do filósofo, isto é, fazer história da filosofia, faz-se necessário revelar o problema e clarificar os conceitos. (VASCONCELOS, 2005, p. 1219).

As situações ocasionadas por problemas acionam o conceito, e não ao contrário, e depende do fazer filosófico e tanto quanto da história da filosofia. O conceito não é absoluto em si, verdadeiro, mas relevante diante do problema, numa multiplicidade de criá-lo e recriá-lo diante das mudanças dos problemas.

No pensamento de Deleuze e Guattari, a filosofia se coloca na arte de criar conceitos nesta encruzilhada de problemas ou conjunto desses, mas não é absoluto, único e verdadeiro. Desta forma, a consistência do conceito filosófico não aciona solidez, afirmação ou exatidão, por vez, deixa-se prender pelo movimento ao mesmo tempo em que é operada por este.

## CONSIDERAÇÕES

A filosofia é uma forma de aprender a pensar e refletir sobre algumas questões que permeiam o homem, e com o francês filósofo Deleuze marca uma nova era na filosofia, a arte de conceituar.

A arte de conceituar pela filosofia traz um novo marco e propõe novos olhares diante dessa ciência. O pensar filosófico e o fazer filosofia na compreensão de Deleuze e Guattari não tem ponto de partida estabelecido, pois se configura no movimento fluxo do próprio pensamento. Diante dessa questão que denota que o problema surge para a arte de conceituá-lo.

Os filósofos Deleuze e Guattari expuseram desde início da obra “O que é a Filosofia” dando um novo patamar na Filosofia que vai além da atividade pura e simples da reflexão e contemplação do pensamento, e dispõem a criação de conceitos atrelados à colocação de problemas.

O tradutor da obra “O que é a Filosofia”, Bento Prado Júnior comenta,

> [...] o que este livro nos oferece é a compreensão do que há de vertiginoso na filosofia, mas também, e seguindo o mesmo movimento de pensamento, do que há de vertiginoso na ciência e na arte. (2006, p. 2).

Os filósofos buscam a construção de novos conceitos empregados na possibilidade de apreensão e compreensão da filosofia, diferentemente do histórico constituído do platonismo e representação.

Entretanto, as inquietações de quem quer enveredar no campo filosófico são complexas, mas refletir o pensamento faz parte do campo filosófico.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 288.

VASCONCELOS Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. Campinas **Revista Educação & Sociedade.** Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set–dez, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/vxm4Hnh5fhbMFjpTLLqRbZN/?format=pdf&lang=PT. Acesso em: 17 ago.. 2021.